

O feminismo é revolução no mundo: outras performances para transitar corpos não hegemônicos.

El feminismo és para todo el mundo, bell hooks

Por COSTA, Michelly Aragão Guimarães¹

Resumo

El feminismo es para todo el mundo, é uma das obras mais importantes da escritora, teórica ativista, acadêmica e crítica cultural afronorteamericana bell hooks. Inspirada em sua própria história de superação e influenciada pela *teoria crítica como prática libertadora* de Paulo Freire, a autora nos provoca a refletir sobre o sujeito social do feminismo e propõe um feminismo visionário e radical, que deve ser analisado a partir das experiências pessoais e situada desde nossos lugares de sexo, raça e classe para compreender as diferentes formas de violência dentro do patriarcado capitalista supremacista branco. Como feminista negra interseccional, a escritora reivindica constantemente a teoria dentro do ativismo, por uma prática feminista antirracista, antissexista, anticlassista e anti-homofóbica, que lute contra todas as formas de violência e dominação, convidando a todas as pessoas a intervir na realidade social. Para a autora, o feminismo é para mulheres e homens, apontando a urgência de transitar alternativas outras, de novos modelos de masculinidades não hegemônicas, de família e de criança feminista, de beleza e sexualidades feministas, de educação feminista para a transformação da vida e das nossas relações sociais, políticas, afetivas e espirituais.

Feminismo. Revolução. bell hooks.

Feminism is revolution in the world: other performances to transit non-hegemonic bodies

Abstract

El feminismo es para todo el mundo, is one of the writer's most important works, activist theorist, academic and cultural critic African American, bell hooks. Inspired by her own overcoming history and influenced by critical theory as a liberating practice of Paulo Freire, the author provokes us to reflect on the social subject of feminism and proposes a visionary and radical feminism that must be analyzed from personal experiences and situated from our places of sex, race, and class to understand the different forms of violence within the white supremacist capitalist patriarchy. As an intersectional black feminist, the writer constantly advocates the theory within activism, for a feminist practice anti-racist, anti-sexist, anti-classist and anti-homophobic practice that fights against all forms of violence and domination, inviting all people to intervene in social reality. For the author, feminism is for women and men, pointing to the urgency of moving other alternatives, new models of non-hegemonic masculinities, family and child feminist,

¹ Administradora, mestra em Administração rural e doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade de Buenos Aires. Pesquisadora do Programa Poscolialidade, pensamiento fronterizo y transfronterizo en los estudios feministas (IDAES/UNSAM); integrante do Dadá: Grupo de Pesquisa em Relações de Gênero, Sexualidade e Saúde. Foi membro do Projeto ATER, Feminismo e Agroecologia e faz parte da Rede Feminismo e Agroecologia do Nordeste. mikellyaragao@gmail.com

beauty and feminist sexualities, feminist education for life transformation and of our social, political, affective and spiritual relationships.

Feminism. Revolution. bell hooks

O presente texto é uma resenha sobre “*El feminismo es para todo el mundo*”, um dos livros mais importantes da escritora, teórica ativista, acadêmica e crítica cultural afro norte-americana, bell hooks². Pretendo apresentar a relevância da sua vida e pensamento para refletir a educação feminista e a urgência do(s) feminismo(s) para transitar corpos não hegemônicos. Algumas das intervenções que utilizo, tem o intuito de dialogar com a autora e problematizar questões fundamentais ou lacunas encontradas em seu livro.

A obra é inspirada em sua história de superação e influenciada pela teoria crítica como prática libertadora de Paulo Freire. Como feminista negra interseccional, a escritora reivindica constantemente a teoria dentro do ativismo, por uma prática feminista antirracista, antissexista, anticlassista e anti-homofóbica, que lute contra todas as formas de violência e dominação, convidando a todas as pessoas a intervirem na realidade social. Para hooks, o feminismo é para mulheres e homens, apontando a urgência de transitar alternativas outras, de novos modelos de masculinidades não hegemônicas, de família e de criança feminista, de beleza e sexualidades feministas, de educação feminista para a transformação da vida.

Há dezessete anos da sua primeira edição³, o título do livro traz uma reflexão que atualmente nos espaços feministas ainda está em voga e que podemos sintetizar com esta pergunta: qual é o sujeito do feminismo? A resposta poderá ser encontrada ao longo dos dezenove (19) capítulos, que apesar de curtos, apresentam de forma pedagógica as questões chaves para pensar o feminismo na América Latina e em especial a luta das mulheres negras nos Estados Unidos. A obra tem sido traduzida em diferentes idiomas, abordada em outras geopolíticas, além de continuar sendo hoje debate de suma importância no âmbito das organizações que buscam realizar uma leitura crítica da realidade para a transformação das relações afetivas, sociais, políticas, pedagógicas, ecológicas, espirituais.

Sua leitura é uma reatualização de histórias, debates, disputas, propostas, no qual encontramos continuidades e descontinuidades e que são apresentadas por bell hooks a partir da sua experiência de vida, da sua paixão desde um lugar

² Gloria Jean Watkins, conhecida pelo pseudônimo bell hooks (escrito em minúsculas), nasceu em 1952 em Kentucky - Estados Unidos. Escritora e ativista feminista negra, sua obra incide principalmente sobre a interseccionalidade de raça, classe e gênero na educação, arte, história, sexualidade e mídia de massa. Em 2014, fundou o Bell Hooks Institute com sede no Berea College em Kentucky, Estados Unidos.

³ Edição original: *Feminism is for everybody: passionate politics*, Nueva York, South End Press, 2000.

profundo de complexas análises. É interessante mencionar que bell hooks foi um nome construído pela autora, combinando parte do nome e sobrenome da sua mãe e avó, como um ato simbólico para invocar o reconhecimento da sua ancestralidade e seu lugar de origem, o que tem sido uma prática política recorrente por parte das mulheres negras. Além disso, radicaliza e questiona a norma gramatical hegemônica quando o escreve em letras minúsculas, ao invés de letras maiúsculas para nomes próprios.

Para a autora, o mais significativo são suas ideias explanadas nos textos, não necessariamente seu nome. No entanto, é importante citar que bell hooks, como as demais afro norte-americanas foi vítima de segregação racial, de sexismo e sofreu discriminação por sua classe social nos Estados Unidos. É a partir da sua experiência interseccional de raça, gênero e classe que ela se posiciona em relação ao feminismo e, no qual acredita profundamente na construção do conhecimento situado e a partir do seu ponto de vista (escrita vivida).

Este é um dos marcos fundamentais do livro: a experiência como autoridade analítica, desde uma posição crítica, construtiva e vivencial. Creio que este é o fio condutor que emana de seus textos. O livro apresenta uma escritura simples e explicativa, pois seu propósito na época era realizar uma espécie de “manual” didático, para que qualquer pessoa pudesse ler e assim, lhe permitisse eliminar os preconceitos em relação ao feminismo – principalmente as feministas como mulheres que “odeiam os homens” –, além de ajudar a ampliar o seu alcance, que segundo bell hooks, as propostas feministas circulam principalmente nos âmbitos hegemônicos como a academia e os movimentos políticos.

Poder ter encontrado a tradução em espanhol de *“El feminismo es para todo el mundo”* é um privilégio, pois nos permite conhecer o pensamento e a prática política de uma das feministas afro norte-americanas que tem construído ao longo de décadas o que hoje se denomina Feminismo Negro. A autora está no marco das propostas feministas mais coerentes e radicais, no qual promove uma análise e uma ação política considerando a fusão das opressões derivadas do sexo, raça, classe, sexualidade.

Porque *“El feminismo es para todo el mundo”* segundo bell hooks? Esta é uma das perguntas que me convidou a ler este livro. E não encontrei uma resposta, mas várias. Uma das primeiras questões que a autora aborda é que o feminismo tem o potencial para mudar não somente a vida das mulheres, mas todo aquele e aquela que buscam chaves para transformá-la. Neste livro, bell hooks conecta este potencial de transformação como um processo educativo de tomada de consciência do sexismo que não deve restringir-se as mulheres, mas também aos homens - para que se façam conscientes do seu sexismo e renunciem seus privilégios masculinos.

Este é um tema recorrente para a autora que busca (des)essencializar a relação mulher = feminista/homem = inimigo, pois sustenta que um homem que busca renunciar seus privilégios de sexo pode vir a ser um aliado na luta, ao passo que uma mulher que reproduz o sexismo é uma perigosa ameaça para o feminismo. Esta posição está presente nos debates que surgiram na década dos anos setenta e oitenta do feminismo (e que ainda hoje permanece presente) em torno à ideia de que o feminismo era exclusivamente para as mulheres, porque são historicamente oprimidas pelo sexismo.

hooks problematiza esta relação analisando como os homens não são o problema principal, mas sim o sexismo, o patriarcado e as relações assimétricas de poder, da supremacia branca heteronormativa binária (feminino/masculino). Que significa: deixar evidente que o problema é o sexismo. E ter essa compreensão nos possibilita lembrar que todos/as nós, mulheres e homens, foram socializados/as desde o nascimento para naturalizar a cultura machista e as ações sexistas.

Por outro lado, me parece fundamental mencionar que os homens como categoria social, têm privilégios e se beneficiam mais com o patriarcado, partindo do pressuposto de que eles são superiores às mulheres e devem governar e dominar sobre nós. Mas esses benefícios vieram com um preço muito alto. É necessário visibilizar a urgência do(s) feminismo(s) na desconstrução da masculinidade hegemônica, para reconstruir outras expressões de masculinidades e infâncias não-binárias machistas.

Além disso, as mulheres podem ser tão sexistas quanto os homens, no entanto, apesar do fato das mulheres reproduzirem o machismo, isto não as beneficia, porque partem de lugares de desvantagens (simbólicas, materiais, subjetivas/objetivas), o que demonstra que há diferentes formas de se beneficiar do sexismo. É preciso analisar que as estruturas do sistema capitalista, patriarcal e colonizador também privilegiam certas categorias em detrimento de outras, apesar de todos/as estarmos na estrutura.

Portanto, não é o mesmo ser uma mulher negra, indígena, lésbica ou travesti em relação a um homem-branco-cis-hétero. Poder localizar, situar, distinguir e apontar as diferentes condições que perpassam nossos corpos é imprescindível para gerar ações radicais de libertação e mudanças de forma integral.

Pensar e praticar um feminismo para “todo mundo” não é pensar somente nos homens: hooks denota em primeiro plano a experiência das mulheres pobres e negras que não eram consideradas em um feminismo cujas integrantes legítimas eram as mulheres brancas e de classe burguesa. É a partir deste lugar onde ela introduz interessantes análises às intersecções de raça e classe. Em relação à raça, afirma que foram as feministas negras, no qual as define como visionárias e as que desvelaram a relação entre racismo e sexismo e as que – embora fossem apontadas como “traidoras”, porque para muitas feministas

brancas isso diminuía o status de gênero no feminismo – forjaram as bases para uma posição antirracista dentro do feminismo.

hooks critica o feminismo branco que apesar de ter aprendido da luta da população negra pelos direitos civis para conseguir alcançar seus direitos, não incorporou as demandas e não teve o compromisso com a luta antirracista. Pelo contrário, se negou a analisar o impacto que existia a raça ao colocar o gênero como único e central em suas lutas, o que reproduzia o racismo dentro do feminismo. A experiência das mulheres negras, a maioria em situação precária material e simbolicamente, foi apagada das análises e lutas feministas.

Foi assim que se questionou a suposta irmandade e sororidade que muitas feministas brancas e com privilégios de classe declamavam como um princípio ético feminista, porque a maioria das mulheres e feministas negras eram objeto de exploração e racismo por parte da sociedade no geral, e por muitas feministas brancas em particular. Portanto, não havia realmente uma opressão compartilhada. Apesar de que hooks depois apresenta que muitas feministas brancas realizaram um esforço de construir teoria sobre a relação entre gênero e raça, é preciso destacar que ainda segue ausente esta questão na prática cotidiana feminista de muitas outras.

Para bell hooks a classe também tem sido uma problemática para o feminismo. Partindo do questionamento da Betty Friedan em que denominou “o problema que não tem nome” em seu texto “*The Feminism Mystique*”, um best-seller da época em que Friedan analisava as frustrações de muitas mulheres por estarem em suas casas como “donas de casa”; hooks restringe a esta frustração a um grupo seletivo de mulheres brancas burguesas, afinal a maioria das mulheres já trabalhavam fora de casa por péssimos salários, além de terem que assumir o trabalho doméstico e do cuidado quando regressavam a suas casas. Assim, questiona o conceito de “liberdade” que Friedman demandava a algumas mulheres privilegiadas, pois não era a realidade de tantas outras (sem privilégios de classe e raça).

hooks também examina nesta obra como foi o processo de institucionalização do feminismo, com a criação dos estudos da mulher no campo acadêmico, que em boa medida moveram os grupos de autoconsciência, espaços não hierárquicos e autônomos que permitiram analisar a vida cotidiana de muitas mulheres. Esta institucionalização profissionalizou a postura feminista por parte das mulheres privilegiadas, convertendo-se em um estilo de vida, ao invés de uma postura transformadora, o que fortaleceu um feminismo classista.

Para a autora, se a sexualidade das mulheres foi um catalisador fundamental para o movimento feminista, pois permitiu reconhecer e politizar os corpos das mulheres: a ter o direito a eleger, a exercer livremente sua sexualidade, a ter acesso aos métodos contraceptivos ou ao aborto, é preciso reconhecer que parte destas conquistas somente as mulheres brancas fizeram

uso destes privilégios de classe. As mulheres pobres, incluindo as negras, seguiram expostas a abortos clandestinos e em precárias condições.

Sobre esta questão a autora analisa também como os direitos conquistados por algumas em relação aos direitos reprodutivos e a sexualidade foram paulatinamente perdendo força, enquanto a radicalidade feminista ia desaparecendo e se fortalecia a ultra direita religiosa fundamentalista, como tentativa de debilitar o direito das mulheres a decidir sobre seus corpos, sua sexualidade e produção. Assim, que novamente o aborto está na agenda pública em muitos países.

Com respeito aos padrões de beleza, hooks examina como as feministas conseguiram questionar a beleza promovida pela indústria da moda e a obsessão que impunha para que as mulheres assumissem determinada aparência. Analisa também como o patriarcado capitalista da supremacia branco, tem sido capaz de voltar a ditadura da beleza através dos meios de comunicação.

bell hooks amplia neste livro as análises em torno a violência. Prefere o conceito de “violência patriarcal”, ao invés de “violência doméstica”, porque vincula ao sexismo e a dominação masculina; menciona também que esta violência não inclui somente as mulheres, mas também as crianças que muitas vezes são abusadas sexualmente e agredidas (inclusive pelas mulheres). Por tanto, convoca a necessidade de construirmos espaços educativos e processos de socialização que evitem a reprodução da violência de gênero. Afinal, é necessário exigir uma infância feminista a nossas crianças.

Temas como o matrimônio e a vida conjugal, bell hooks recorda que foram as posturas feministas da década de setenta, que criticaram o matrimônio heterossexual por construir outras formas de escravidão sexual e por reforçar a hegemonia patriarcal dos homens. Foram estas, que construíram o paradigma de liberdade sexual, permitindo que tanto mulheres, como os homens pudessem vivenciar melhores relações conjugais heterossexuais.

O brilhante capítulo com o título “plenitude total”, bell hooks analisa a relação entre lesbianismo e feminismo, reconhecendo que foram as lésbicas que lhe ajudaram na sua própria auto identificação. Analisa como as lésbicas e bissexuais foram a vanguarda do movimento de libertação das mulheres por duas razões: terem mostrado através da sua própria experiência que como mulheres, não era necessário depender dos homens para alcançar bem-estar e prazer sexual; e porque eram as que estavam mais dispostas a comprometer-se com a perspectiva de raça e classe.

A autora faz uma crítica ao heterossexismo do feminismo, visto que as heterossexuais do movimento não legitimavam as lésbicas e bissexuais, fator que era reforçado pelos meios de comunicação. Uma contribuição interessante de hooks é seu questionamento a frase “o feminismo é a teoria e o lesbianismo

a prática”, já que muitas lésbicas reproduziam formas de violência dentro de seus relacionamentos e assumiam papéis e atitudes sexistas, o que levou a algumas a distanciar-se de práticas radicais. Desta forma, hooks nos convida a uma prática feminista de combate ao heterossexismo, reconhecendo o legado fundamental das lésbicas radicais e o trabalho contra a homofobia e lesbofobia.

O que propõe bell hooks neste livro é uma práxis do pensamento feminista interseccional, que nos permita complexificar e abordar a fusão das opressões de classe, sexo/gênero, raça/etnia, sexualidade em diferentes contextos históricos e sociais; Um feminismo que possa recuperar as contribuições das feministas que romperam com a política reformista e apostaram na transformação da vida; Um feminismo que deve reconhecer a importância de “outra” espiritualidade livre do sexismo, do racismo, do fundamentalismo e que contenha ideias de justiça e libertação; Um feminismo que questione as noções de amor romântico, que descolonize nossos corpos/mentes para transitar outras formas de sentir, amar, expressar-se; Experiências que rompam com os padrões de posse, conquista e dominação.

O paradigma hegemônico é difícil de mudar, mas não impossível. Pensar desta maneira é assumir um compromisso político de buscar alternativas e práticas radicais de luta contra o sexismo. Homens ou mulheres ou pessoas trans, deveriam multiplicar suas experiências educativas que vem sendo desenvolvidas, para que os preconceitos não se apoderem do nosso dia a dia e cause dor e sofrimento a nossas crianças. Por isso, é preciso transitar, abrir mentes e corações para libertarmos do duro das nossas identidades.

Referência

hooks, bell. **El feminismo es para todo el mundo**. Ed. Traficante de Sueños. Madrid, 2017.